

ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DO LEGADO LINGUÍSTICO DE ANTOINE CULIOLI¹

Marcos Luiz Cumpri

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Araraquara (UNESP/Campus de Araraquara)
marcoscumpri@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo sintetiza aspectos epistemológicos da Linguística que Antoine Culioli acreditou, ao menos nos últimos trinta anos, ser aquela responsável pela investigação da Linguagem no amparo das especificidades das línguas naturais e na amostragem dos traços e marcas que regem a construção do sentido no enunciado, sempre pelo viés da atividade significante dos sujeitos. Mostra-se, aqui, também, que o enunciado, além de ser o material de análise da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), é o próprio agenciamento de operações que transcendem tanto a separação entre Sintaxe e Semântica, quanto entre sentido e investimento dos sujeitos.

Palavras-chave: Culioli, linguagem, enunciado, operações.

ABSTRACT

This article synthesizes epistemological aspects of Linguistics which Antoine Culioli believed, at least in the last thirty years, being the one in charge of the investigation of Language in the specific features of natural languages and in the sampling of traces and marks responsible for the meaning in the utterance, always by the perspective of the significant activity of the subjects. One shows up the statement in addition to being the analysis material of the Theory of Predicative and Enunciative Operations is the arrangement of operations that transcend both the separation between Syntax and Semantics, as between sense and investment of the subject.

Keywords: Culioli, language, utterance, operations.

Introdução

Foi nos anos oitenta do século XX que se consolidou um grupo de linguistas franceses envolvidos pelo projeto linguístico de Antoine Culioli (1924 – 2018) e influenciados pelos pensamentos de nomes como os de Maurice Gross, Jean-Blaise Grize e de Emile Benveniste. De ordem enunciativista, cujo amparo teórico se encapsulou no que hoje se conhece por Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE)ⁱⁱ, reúne nomes como os de Claudine Normand, Catherine Fuchs, Denis Paillard, Jean-Jacques Franckel, George Vignaux, Sarah de Vogüé. Além de renomados de outras áreas que deram sua contribuição ao projeto, como foi o caso de Michel Pêcheux, Dominique Maingueneau e Sylvian Aurox.

Na obra "As Grandes Teorias da Linguística", Paveau & Safarti (2005) dedicam uma seção ao legado de Culioli e lhe atribuem a característica de um linguista preocupado com uma reflexão de ordem epistemológica (p. 186) e instaurador de um quadro teórico que permite a análise linguística sustentada sobre estruturas linguísticas como a determinação, a negação ou o aspecto (p. 190).

Dito isso, esse artigo vem para mostrar que a reflexão de Culioli (1990, 1999a, 1999b) se firma no memorial da Linguística Neoestruturalista, sobretudo por propor um modelo de análise que articule, fundamentalmente, *Léxico e Gramática*, para que se investigue a Linguagem a partir do variável das línguas naturais.

Para a realização dessa meta, o curso do texto é definido pela preocupação de Culioli em pensar a Linguística enquanto uma ciência que formaliza a indeterminação da Linguagem (seção 2) e em como essa formalização permite uma análise controlada dos enunciados (seção 3) para que se tragam, aos olhos do linguista, as operações

elementares geradoras do sentido (seção 4). O artigo ainda conta com um fechamento e referências. Cabe frisar que embora a maioria das citações esteja na obra *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*, nossas reflexões são amadurecimentos de leituras e traduções que vimos fazendo, há algum tempo, da bibliografia selecionada, a qual constantemente rediscute o que está no cerne das publicações de Culioli e de seus colaboradores.

1. A formalização da atividade da linguagem

Antoine Culioli pode ser considerado um linguista da formalização por pretender firmar a relação dialética entre a linguagem e as línguas naturais de um modo em que a linguagem seja uma atividade de representação, por assim dizer, indeterminada e abstrata; e as línguas naturais sejam fruto dessa atividade, por assim dizer, variáveis. Se somente a articulação entre o sintático e semântico permite a descrição da atividade linguística apreendida através das línguas, é essa fusão que ele visa formalizar a partir de problemas linguísticos.

Ampliando a discussão, dizemos que a atividade linguística passa por uma constante atividade epilinguísticaⁱⁱⁱ, que é uma espécie de atividade metalinguística não consciente, e que traz à tona o investimento do sujeito na linguagem através do que se configura no lapso, no mal-entendido, na rasura, na correção, na paráfrase, etc. Desse modo, linguagem e sujeito firmam uma relação complexa de interioridade e exterioridade, uma vez que é ela que lhe atribui identidade por lhe dar equilíbrio e é ele (o sujeito) que deixa rastros textuais que permitem seu acesso (o da linguagem).

Não se pode estabelecer o problema dos observáveis sem uma teoria da observação, em particular sem se perguntar onde se colocam os observadores. Estudar os processos de produção significa deixar de lado o domínio de observação instantânea para operar abstratamente sem decidir, de antemão, pela existência de apenas dois níveis (superficial e profundo). Em seguida, é necessário reconhecer os enunciados possíveis, mesmo porque a linguística formal não se finca somente na tarefa de estudar as línguas em suas generalidades, mas de prestar contas do que se descobre em sua diversidade, sem exceção.

O pensamento é o de que construir uma teoria da observação implica fazer mais do que classificar os modelos de acordo com questões a que eles respondem. É fundamental ter uma teoria das representações, sendo que a formalização é o processo que traz à baila a constatação de que os modelos não são exaustivos e de que uma teoria da aproximação não deve se confundir com uma teoria das aproximações, da mesma forma que numa atividade linguagística a análise de enunciados ambíguos não deve se confundir com o estudo da ambiguidade inerente da linguagem, que é, por assim dizer, essencial à investigação do sentido.

Culioli (1999a) rejeita (i) a apreensão dos universais única e exclusivamente através das variações de superfície da língua; (ii) a cientificidade de conceptualizações falsamente objetivas em que se misturam teorizações implícitas e explícitas; (iii) as categorias mal definidas e muitas vezes herdeiras de relações não formuladas e (iv) a utilização esquemática de classes binárias que demarcam a fonologia do gênero sem que os pressupostos teóricos desses procedimentos sejam vistos claramente. Ele acredita na busca das estruturas na própria língua, na fuga da ilusão terminológica e desconsidera o excesso de superficialidade que arrasta toda conceptualização sobre a linguagem em

função de uma teoria de análise que esteja ligada a uma teoria da própria linguagem. Assim, deve-se, a partir das línguas, estabelecer uma metalíngua com regras próprias para depois retornar à língua.

Para Culioli (1999a, p.23-24), todo signo e todos os operadores sintáticos podem ser utilizados como símbolos, o que quer dizer que toda mudança sintática ocasiona uma mudança semântica. Nesse sentido, tudo reside na força da equivalência, podendo-se estabelecer uma distância crescente entre a transformação idêntica e um enunciado profundamente remodelado, embora nada garanta que a estrutura profunda receba uma interpretação semântica e que as transformações não mudem nada.

Ele também acredita que é possível formular a existência de uma gramática de relações primitivas num nível muito profundo (verdadeiramente pré-lexical) onde a distinção entre Sintaxe e Semântica não tenha qualquer sentido. Com isso, tem-se um filtro lexical com certo número de regras, sintaxes e semânticas, incluindo modulações retóricas (entre elas a metáfora) que não saberiam se limitar à sintaxe.

Na realidade, o que Culioli faz é mostrar que a separação entre sintaxe e semântica é menos produtiva do que mostrar que há enunciados com boa formação semântica e má formação sintática, o que demonstra que a dificuldade central da formalização em linguística não reside na formalização de sistemas algébricos sintáticos, nem no estudo distribucional de combinações de palavras-objetos em correspondência pontual com o extralinguístico, mas no domínio intermediário específico das línguas naturais.

Assim, Culioli (1999a, p. 25-29) aponta alguns paradigmas que julga pertinentes:

1. Conduzir todas as operações em estado de unidade de predicação a uma aplicação acrescentando-lhe uma teoria do predicado. Como resultado, ter-se-á uma

tipologia dos processos, uma classificação de operações que podem ser efetuadas sobre o conjunto de partida e/ou sobre o conjunto de chegada, sobre a seta que simboliza o operador. Trata-se da necessidade de analisar formalmente as situações empiricamente encontradas nas línguas.

2. Dar valores de um sistema verbal (definido como uma rede de valores), uma representação topológica que permita explicitar melhor certos problemas concernentes aos sistemas de modalidades e de religar os sistemas modais, aspectuais e temporais.

3. Conduzir as operações sobre as unidades num conjunto de partida e num conjunto de chegada a uma lista finita de operadores combináveis.

4. Buscar as relações de dualidade que existem entre as expressões sem deixar de considerar que na linguagem (onde tudo é orientado) se encontram áreas tanto em que o princípio de dualidade age de modo estrito quanto em que os fenômenos são mais complexos.

5. Representar certas categorias por vetores de propriedades de modo que se poderá ter vetores de vetores. Nesse sentido, numa teoria dos complementos, o sujeito em línguas cuja presença é obrigatória é necessário como elemento do conjunto de partida a fim de que o enunciado seja bem formado. Assim, qualquer termo de um enunciado pode receber um valor nulo, com exceção desse sujeito. Tal observação permite eliminar as ambiguidades na metalíngua e conduzir análises linguísticas a um nível muito mais complexo do que uma análise estrutural possibilitaria.

6. Construir sistemas lógicos particulares que fazem com que se reencontre o conceito de marca e que se compreenda que só uma decisão teórica sobre a linguagem permite atribuir a tal unidade o estatuto de origem, o estatuto de sucessor, etc.

7. Ter em mente que numerosos sistemas são munidos de uma estrutura mecânica, de um esquema em espiral não dimensional importante nas línguas naturais por permitir conservar melhor certos problemas relacionados à ambiguidade e à ambivalência.

Culioli (1999b) permite a resolução de problemas acerca das línguas e da linguagem, com destaque para a ambiguidade da lexis, cuja construção implica uma recusa de reduzir a linguagem e de conduzir a Linguística a um estado de coleta de fenômenos individuais. Isto é, a colocação de problemas teóricos, a fixação a uma metalíngua comum e a modos razoavelmente rigorosos.

A exigência teórica de tratar as línguas formalmente, isto é, a de: (i) não aceitar o reducionismo da linguagem, (ii) não aceitar o condicionamento da Linguística a fenômenos individuais, (iii) permitir a colocação de problemas teóricos, (iv) prender-se a uma metalíngua comum e a modelos rigorosos, associada ao rigor técnico e ao anseio em respeitar os fenômenos observáveis, leva Culioli (1999a, p. 32-33) a apontar algumas direções fundamentais que permitem a construção de um conjunto de hipóteses de estados metalinguísticos e operações. É delas que falaremos nas duas seções seguintes.

2. O sistema metalinguístico

Culioli cria um sistema metalinguístico para estudar fenômenos visíveis pelas operações de linguagem nas diferentes línguas. Nisso ele verifica a validade da teoria e a adequação desse sistema. Considera que não existem procedimentos de descrição que

garantam a exaustividade de análise de fenômenos aparentemente heterogêneos, o que justifica o porquê de certos enunciados serem inaceitáveis numa família parafrástica.

Seu trabalho é o de construir uma teoria pré-formalizada que comporte expressões primitivas e regras explícitas de construção, seja por descoberta gradual das relações profundas entre unidades de superfície (as invariantes serão descobertas por aproximações sucessivas), seja pela construção de uma metalíngua perfectível, mas eficaz, a partir de experimentos (observações teorizadas).

Para estudar a linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais, o bojo de sua pesquisa, Culioli (1999a) efetua observações sistemáticas e minuciosas numa dada língua com o amparo de um quadro teórico, isto é, de um conjunto coerente de hipóteses explicitamente construídas sujeitas à verificação. Essas observações se dão num sistema metalinguístico de representação e se colocam sobre um mesmo domínio, no qual não se pode definir, numa primeira etapa, mais do que um modo aproximado: divisão tradicional (a comparação, por exemplo), delimitação de ordem teórica (diátese e aspecto, por exemplo), análise de enunciados equivalentes em duas ou várias línguas. A partir dessas observações, tratadas de acordo com as regras de representação compatíveis, ele constrói um conjunto coerente de hipóteses ao qual se associa um sistema metalinguístico de representações. O objetivo dessa construção é poder formular problemas e propor soluções graças a procedimentos de raciocínio, o qual implica modalidades regulares de escrita.

Mais precisamente, o objetivo é o de elucidar conceitos, categorias e operações generalizáveis, de verificar suas configurações específicas e as propriedades universais, ainda que se trate de uma gramática universal e não de um jogo de etiquetas que facilitariam a classificação dos fenômenos.

Culioli (1990, 1999a, 1999b) distingue os conceitos de frase e enunciado e não assimila as regras de boa formação da relação prediativa às regras de boa formação da relação enunciativa. Enquanto, para ele, a frase é definida por regras de boa formação que gerem essencialmente a relação prediativa, o enunciado é uma relação prediativa recuperada por um sistema de coordenadas enunciativas. Para exemplificar, Culioli (1999a, p. 129) considera a sequência “O gato come bolos” uma frase bem formada, que para ser um enunciado igualmente bem formado, necessitaria possuir um localizador, uma marca que recuperasse uma situação singular, como em: “Mamãe, veja, o gato está comendo os bolos”.

A linguagem é uma atividade significativa, de representação inacessível a não ser através dos textos, de agenciamentos de marcas que são os traços das operações. (CULIOLI, 1976). A observação e as classificações, mesmo rudimentares, mostram que existem, pela diversidade de realizações e de categorias, propriedades analógicas estáveis. Assim, a intenção é a de reconstruir, por uma demarcação teórica e formal do tipo fundamental, as noções primitivas, as operações elementares, as regras de esquemas que engendram as categorias gramaticais e os agenciamentos específicos a cada língua, isto é, buscar as invariantes que fundamentam e regem a atividade da linguagem de forma que ela apareça através da configuração de diferentes línguas.

Deixam-se para trás as propriedades classificatórias e a etiquetagem, algo que tanto liberta o linguista da necessidade do discurso intuitivo graças à construção de um sistema de representação metalinguística (que incluirá a língua usual), quanto o possibilita construir uma teoria dos observáveis e, a partir das classes de fenômenos (sobretudo pela constituição de famílias parafrásticas de enunciados), formule problemas e construa procedimentos de análise.

Porém, adotar esses objetivos não é o mesmo que distinguir as delimitações entre Prosódia, Sintaxe, Semântica e Pragmática. A demarcação está entre aquilo que é representável e regular de um lado e aquilo que é heterogêneo no que concerne às regras metalinguísticas construídas de outro.

Se são feitos agenciamentos de marcas é porque há uma forma que é produto das operações e se torna necessário simular a relação entre operações e marcas graças a uma construção metalinguística. Não se trata de reduzir a sintaxe a um núcleo arbitrariamente condicionado, mas de tratar tudo que está no domínio metodologicamente homogêneo, ou em domínios localmente homogêneos que se pode articular entre si. Assim, Culioli (1999a, p. 96) constata que se pode fornecer uma teoria unificada integrante de fenômenos repartidos em setores separados.

O que ele faz é partir em defesa de uma sintaxe definida como hipersintaxe de modo que a autonomia da sintaxe seja compreendida pelas formas engendradas por sistemas estruturados de operações em que se pode fornecer uma representação e um tratamento. Isso quer dizer que é possível trabalhar sobre a atividade da produção e do reconhecimento de enunciadores sobre o cálculo de valores referenciais de enunciados sem se engajar na semântica da referência.

Pensando a referenciação pelo viés da ambiguidade, um problema inegavelmente caro à Semântica, Culioli (1995, p. 117) acredita que desambiguar suscita a construção de formas abstratas sem que sejam necessárias regras formais de interpretação. Isso porque ele acredita que somos dotados de uma capacidade incessante de construir significações por termos valores referenciais (culturais, psicológicos, afetivos, etc.) que nos habilitam a construir tais significados. Para essa tarefa, ele elenca quatro estágios fundamentais:

- (i) Especificar / relatar o que é ambíguo.
- (ii) Explicar porque é ambíguo.
- (iii) Explicar como, por meio de adições prosódicas ou contextuais, a ambiguidade pode ser removida.
- (iv) Especificar porque uma adição deve ser feita para prover sua desambiguação.

Culioli (1995, p. 117) define a significação como a referência global reduzida ao problema da referência e dos valores referenciais. Ele se desprende da referência por crer que a relação entre enunciado e evento nunca é imediata, mesmo porque, constantemente, lidamos com eventos construídos e representados. Ainda para ele, o problema da referência é um dos que sempre são tomados como valores verdadeiros compreendidos a partir de um ponto de vista formal. Tal problema se dá pelo fato de não conseguirmos saber se há correspondência entre valores de verdade subjetivos e valores de mundo, o que seria catastrófico para o linguista, pois a polêmica da referenciação com o mundo não deve ser sua preocupação. É nesse contexto que Culioli introduz a expressão “valores referenciais” e vê o problema da construção da significação como sendo de ordem social e semiótica, pois toma partido da linguagem enquanto uma atividade resultante de ajustes que vão de um enunciador a outro.

A seção seguinte trata do espaço em que esses ajustes são visíveis.

3. Das operações metalinguísticas à invariância da Linguagem

Uma das características da linguística culioliana é a análise de operações constitutivas do enunciado, que têm os traços linguísticos (as marcas), cujas identificações permitem o linguista reconstruir as operações subjacentes. (DESCLÉS, 2005). A identificação das operações elementares e abstratas e a descrição detalhada de modos de composição que as organiza em operações mais complexas, inseridas em macro operações, regem a construção de representações cognitivas que fornecem dados preciosos sobre o funcionamento da linguagem.

Ainda para Desclés (2005), ao aceitar o programa de Culioli, convém (i) caracterizar diferentes níveis de representação, (ii) integrar esses níveis numa mesma arquitetura ao mesmo tempo computacional e cognitiva, (iii) precisar, após as observações linguísticas, os mecanismos de mudança de representação quando se passa de um nível a outro, (iv) determinar diferentes subsistemas metalinguísticos fazendo aparecer suas propriedades estruturais.

As configurações linguísticas (fônicas, gráficas, prosódicas, gestuais, etc.) são as mais observáveis. Já as representações metalinguísticas, na TOPE, não constituem um só nível homogêneo visto que cada nível explicita mecanismos específicos. A partir das configurações morfossintáticas pode-se conjecturar um primeiro nível metalinguístico encarregado de descrever, independentemente das posições sintagmáticas, as operações que são responsáveis tanto pelas organizações linguísticas observáveis (os traços de seus operadores), quanto permitir extrair operações generalizáveis de uma língua natural que, de modo geral, são as invariantes da própria linguagem.

O bojo do que está em discussão se resume na seguinte premissa: as línguas são singulares e mesmo assim é sempre a mesma linguagem que permite compreender a organização de qualquer língua em sua singularidade.

Para Vogué (2005), o conceito de invariância fornece meios para repensar aquilo que pode fazer a unidade da linguagem além da diversidade das línguas naturais e para repensar as próprias modalidades da atividade linguagística além da expressão de conteúdos compreendidos e estabilizados. Mostrar a invariância da linguagem é captar nela o que é mais generalizável. Assim, tal conceito é feito para pensar as relações do particular ao geral, das línguas à linguagem, o que permite supor que existem várias invariâncias: invariâncias particulares, invariâncias gerais, invariâncias de língua e invariâncias de linguagem.

Uma categoria invariante não é o mesmo que uma categoria universal, isso porque a metodologia culioliana não busca minimizar a diferença. Ao contrário, ela pretende se fundar sobre tais diferenças para chegar a reconstruir, em toda sua extensão, o campo de funcionamento de uma categoria.

A grande problemática da invariância, que é a de articular o particular ao geral, refere-se ao programa geral que Culioli dá à Linguística, o de apreender a linguagem através do que se move nas línguas naturais, visto que os sujeitos com suas línguas realizam uma única e mesma atividade: uma atividade de representação, de referenciação e de regulação das relações intersubjetivas.

Culioli (1990, 1999a, 1999b) não almeja apenas reconstruir as categorias invariantes das línguas naturais, mas também determinar os fatos da invariância no âmago de uma língua. Nesse sentido, seu projeto também é o estudo da invariância entre as línguas e a invariância em cada língua, ou seja: visa-se pesquisar as invariantes linguagísticas no cerne das línguas particulares. Para tal, essa abordagem não consiste, apenas, em determinar uma forma qualquer de ponto comum, de princípio, de parâmetro ou de esquema geral de fazer abstração do que é variável, mas em exercer a

variação em toda sua amplitude. Seus textos demonstram a importância do fenômeno da invariância tanto por meio da variação de língua a língua, quanto pelas variações intralingua que são as próprias paráfrases.

Ainda para Vogüé (2005), Culioli faz as paráfrases proliferarem com o intuito de descrever as modalidades e os contornos do que é variável. Dada uma unidade linguística, explora-se o campo de sua variação, mostra-se que essa variação é, pelo menos, parcialmente organizada para, a partir disso, poder reportá-la a uma invariante, a saber, à forma apreendida por essa organização que define a variação e que se mantém na linha dessa variação. E o que mais importa é que essa forma seja sustentada por uma invariante até que ela (a forma) determine o funcionamento de uma unidade estritamente singular e própria de uma determinada língua sem a menor pertinência para outra língua que não a em questão. Trata-se de um conceito chave para se compreender a singularidade das línguas naturais.

Considerando a relação de uma língua com ela mesma, a TOPE apreende e molda os fatores de estabilidade e os fatores de variação tanto no cerne de qualquer língua, quanto de uma língua a outra. É um projeto que legitima os fenômenos da parafraseagem, da polissemia e da deformidade controlada do sentido. Designa como ponto nodal a dupla contradição fundamental da enunciação por assumir que não há enunciado isolado, que todo enunciado está em relação com outros e preso (pelo enunciador) entre os enunciados equivalentemente possíveis, que não existe enunciado que não seja modulado, que não existe enunciado que não suporte uma gama de interpretações. (VOGÜÉ, Sarah de, FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis, 2011).

Na relação de uma língua com outra, Culioli (1976, 1990, 1995, 1999a, 1999b, 2002) elabora a problemática do que constitui uma teoria geral das operações

predicativas e enunciativas sem subestimar a singularidade das línguas. Para isso, propõe três níveis de representação: um linguagístico (ou nocional) que é pré-lexical, não determinado e não modalizado; um linguístico que é articulado e discursivo e um metalinguístico que é hipotético, controlado e responsável por simular a passagem do linguagístico ao linguístico.

A separação desses três níveis é o que permite ao linguista visualizar e colocar como pano de fundo a singularidade que a atividade da linguagem atribui às línguas naturais pelo amparo de operações universais, a saber, as bases de tudo o que se discutiu nas seções propostas para esse artigo.

Considerações finais

Vimos nas páginas anteriores que o legado metodológico de Culioli é uma Teoria dos procedimentos formalizados, da pesquisa do generalizável, que: (i) se recusa a confundir frase e enunciado, (ii) considera as glosas dos locutores quando for preciso construir um contexto explícito; (iii) rejeita toda a confusão entre os problemas lógico-filosóficos da referência (valor de verdade, referência externa, estatuto ontológico dos indivíduos) e a construção (não simétrica) para os interlocutores de valores referenciais atribuídos a enunciados através da produção e do reconhecimento de formas e (iv) não se restringe a um universo rígido, estritamente extensivo, no qual se tenha eliminado a atividade dos sujeitos enunciadore e a deformidade característica dos fenômenos linguísticos.

Também pinçamos o que está no núcleo dos três tomos de “*Pour une linguistique de l’ énonciation*” (1990, 1999a, 1999b) para pensarmos os aspectos epistemológicos de Antoine Culioli, que, em linhas gerais, são:

(i) definir o campo da Sintaxe dentro da pesquisa linguística. Para tal, fazem-se necessários a explicitação de objetivos do linguista e a colocação dos fundamentos teóricos da pesquisa.

(ii) mostrar sucintamente como se constroem as ferramentas técnicas (entre elas as categorias e as operações) com as quais se trabalham e descrevem algumas dessas ferramentas.

(iii) trabalhar sobre um domínio preciso e sobre um problema restrito, de modo a colocar à prova a construção teórica e, através de procedimentos técnicos, a metodologia empregada.

Esse sumário deixa demonstrado que Culioli (1990, 1999a, 1999b) buscou explorar a maleabilidade da linguagem dentro de um sistema metalinguístico forçoso. Forçoso no sentido de que se viabiliza o acesso à linguagem por meio do trabalho incessante com marcas subjetivas que se tornam infinitas porque a linguagem assim também o é.

Referências

CULIOLI, Antoine. *Transcription du séminaire de D.E.A. - 1975-1976*. Paris: Université de Paris VII. D.R.L., 1976.

_____. *Pour une linguistique de l’ énonciation* - opérations et représentations. Paris: Ophrys, Tome 1, 1990.

_____. Cognition and representation in linguistic theory. In: *Current issues in linguistic theory*, 112. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation*: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, Tome 2, 1999a.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation*: domaine notionnel. Paris: Ophrys, Tome 3, 1999b.

_____. *Variations sur la linguistique*. Paris: Klincksieck, 2002.

DESCLÉS, Jean. Pierre. Opérations métalinguistiques et traces linguistiques. In: DUCARD, Dominique ; NORMAND, Claudine. (dir.). *Antoine Culioli: un home dans le langage*. Paris: Ophrys, 2005. p. 41-69.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. *As grandes teorias da linguística*. São Carlos: Clara Luz, 2006.

VOGÜÉ, Sarah de. Invariance culiolienne. In: DUCARD, D. e NORMAND, Claudine. (dir.). *Antoine Culioli: un home dans le langage*. Paris: Ophrys, 2005, p. 302-331.

VOGÜÉ, Sarah de ; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

Recebido em 15 de setembro de 2018.

Aceite em 9 de dezembro de 2018.

ⁱ Apoio Capes.

ⁱⁱ Em 2011, uma pequena parte dos estudos desse grupo foi publicada no Brasil, em formato de livro, sob o título de “Linguagem e enunciação”, pela editora Contexto.

ⁱⁱⁱ Sylvian Aurox, na obra *Histoire des idées linguistiques*, de 1995, dá a Antoine Culioli a autoria da expressão *atividade epilinguística*.